

# A relação fala/escrita em dados produzidos em contexto digital

Fabiana Komesu\*

Luciani Tenani\*

## Resumo

O objetivo deste trabalho é explicitar determinados fenômenos da linguagem observáveis, por exemplo, no chamado “internetês” – popularmente conhecido como o português escrito na internet. Com base em estudos discursivos e em estudos fonológicos, analisa-se um conjunto de enunciados extraídos de bate-papos virtuais, ou *chats*. Procura-se investigar a relação fala/escrita como fator que marca a heterogeneidade da escrita. De forma específica, investiga-se a grafia de *nicknames*, “apelidos”, empregados nessas interações *on-line*, como lugar por meio do qual é colocada em evidência a “complexidade enunciativa” decorrente de informações de ordem linguística diferente – fonológica, morfológica, semântica, enunciativa. Este estudo visa contribuir, pois, com questões gerais sobre a relação “oralidade/fala” e “letramento/escrita” presentes no ambiente digital – mas não somente.

Palavras-chave: Escrita; Heterogeneidade; Discurso; Prosódia; Internet; *Chat*.

## Linguística, novas tecnologias e questões sobre escrita

A importância das novas tecnologias digitais de comunicação e informação – TDCI –, em particular a internet, é tema de interesse nos variados domínios de produção do saber. As TDCI são celebradas como modo de democratização do acesso à educação e ao conhecimento, condição desejável por muitas das sociedades modernas. Em um país como o Brasil, porém, em que os problemas de desigualdade social são notórios, discutem-se tanto a “exclusão digital” quanto a “infoinclusão” mediante essa chamada democratização do acesso (cf. AFONSO, 2001; TAKAHASHI, 2008; LASTRES, ALBAGLI, 1999).<sup>1</sup>

\* Universidade Estadual Paulista – Unesp.

1 - Destacamos o fato de que as expressões “exclusão digital” e “infoinclusão” tornaram-se fato linguístico a partir das práticas que colocaram em questão o contexto de produção da tecnologia digital como modo de acesso – ou de restrição – a um “lugar no futuro” associado à internet.

A utilização crescente do computador e da internet demandam, portanto, pesquisas de cunho social e, dessa perspectiva, o papel da linguagem torna-se central (CRYSTAL, 2001; 2005; ANIS, 2001 *apud* MARTIN, 2007; MARTIN, 2007). O que releva no ambiente da tela do computador são elementos linguísticos que emergem da interação do escrevente com o leitor das páginas hipertextuais. De fato, no domínio da Linguística, já existem inúmeros estudos cujo objeto são os *e-mails* (CRYSTAL, 2001, em especial capítulo 4; PAIVA, 2004; MARCUSCHI, 2004), os bate-papos virtuais (BRAGA, 1999; HILGERT, 2000; ARAÚJO; BIASI-RODRIGUES, 2004; MADEIRA, 2004; MARCUSCHI, 2004; FUSCA, 2007; LUIZ SOBRINHO, 2007), os fóruns de discussão (CORRÊA, 1999a; 1999b; CUSIN-BERCHE; MOURLHON-DALLIES, 2000; XAVIER; SANTOS, 2005), as aulas virtuais e a questão do ensino a distância (BEACH; LUNDELL, 1998; KIEFFER; HALE; TEMPLETON, 1998; LABBO; KUHN, 1998; COLLINS; FERREIRA, 2004), as *home pages* (KOMESU, 2001), os *blogs* (KOMESU, 2005; SCHITTINE, 2004). Há, certamente, muito a ser investigado em termos dos usos da linguagem e da constituição do(s) sujeito(s) sob as condições de produção das tecnologias digitais.

O lugar atribuído à linguagem e, principalmente, à escrita, suscita diversas questões entre usuários e não usuários do sistema, como as que buscam salientar uma “transformação” da escrita com o uso da internet, vinculada a uma suposta “degradação” dessa modalidade, com comprometimento do processo de ensino-aprendizagem de crianças e de jovens. Essa visão apreciativa – depreciativa – sobre a língua, fundada no senso comum, não se restringe ao território brasileiro. Crystal, no estudo do cenário anglófono, destaca o fato de “a aparente falta de respeito pelas regras tradicionais da língua escrita”, atribuída às novas tecnologias, estar “horrorizando” alguns observadores, “que veem nesse fenômeno um sinal de deterioração dos padrões” (CRYSTAL, 2005, p. 91). Dentre os francófonos, Ladjali (2007) busca criticar um suposto “barbarismo” instaurado com o advento de novas práticas de escrita relacionadas a novos suportes materiais, como o computador e o aparelho celular. Essas questões, certamente, não são nada banais, mesmo para um pesquisador em estudos linguísticos. Elas são representativas de um pensamento que envolve o cotidiano dos indivíduos de uma sociedade que quer ser reconhecida como digital, isto é, integrada ao processo de globalização proporcionado pelas TDCI.

Para o que nos interessa neste artigo, destacamos alguns pontos ligados a essa percepção de transformação da escrita mediante o uso do computador, em particular, no que se refere à relação fala/escrita em enunciados escritos produzidos

na rede. Do nosso ponto de vista, essa perspectiva é instituída mediante certa concepção de escrita, de enunciado e de língua que buscamos criticar no projeto de pesquisa Oralidade e letramento: o estudo da escrita no contexto da tecnologia digital<sup>2</sup>. Apresentaremos, pois, de maneira breve, o material que motivou nossas discussões. Na sequência, discutiremos os pressupostos teórico-metodológicos que orientam nossas reflexões sobre produção escrita, mais especificamente, a produção escrita em contexto digital. Por fim, faremos considerações sobre a representação fala/escrita em uma análise de enunciados coletados em *sites* de bate-papos virtuais – *chats*.

### **Sobre o conjunto do material**

O conjunto do material analisado é formado de páginas *web* coletadas em *chats* abertos, de caráter público e informal, supostamente frequentados por crianças na faixa etária de 8 a 12 e de 10 a 15 anos. O material foi coletado, com outros objetivos, no segundo semestre de 2006, por Viviane Vomeiro Luiz Sobrinho e Carla Jeanny Fusca, atualmente alunas do Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Unesp/São José do Rio Preto – SP. Na ocasião, desenvolviam projetos de pesquisa em nível de Iniciação Científica, vinculados a um projeto de pesquisa mais amplo, já mencionado.

De forma geral, pode-se dizer que um bate-papo virtual – *chat* – é um modo de comunicação em que duas ou mais pessoas, em um ambiente virtual, interagem mediante mensagens que são postadas em rede em tempo real. Os *chats* de grandes portais da internet são classificados por temas como idade, cidades e regiões, encontros, interesses específicos, dentre outros. Interessa-nos destacar, no funcionamento dos *chats*, a possibilidade de manutenção do anonimato do escrevente mediante a assunção de um apelido – *nickname* – por meio do qual busca construir uma identidade e manter-se conectado com seu(s) parceiro(s), como discutiremos adiante, no estudo da relação fala/escrita em enunciados escritos na internet.

### **Sobre as concepções de escrita, enunciado e língua**

Fundamentadas na reflexão de Corrêa (2004) sobre a heterogeneidade constitutiva da escrita – da linguagem –, recusamos uma noção corrente de escrita

---

2 - Esclarecemos que essas reflexões são resultantes de discussões mais amplas, realizadas no âmbito do projeto de pesquisa Oralidade e letramento: o estudo da escrita no contexto da tecnologia digital (Fapesp, processo 04/14887-8), coordenado pela Profa. Dra. Fabiana Komesu (Unesp/São José do Rio Preto – SP), e na linha Processos dialógicos, do Grupo de Pesquisa Estudos sobre a Linguagem (CNPq/Unesp), liderado pelo Prof. Dr. Lourenço Chacon (Unesp/Marília – SP).

e nos aproximamos de uma segunda para pensar a escrita em contexto digital. A noção que recusamos é a que concebe escrita como modalidade da língua, fundada no aspecto estritamente semiótico. Dada a suposta fixidez no plano, à apreensão visual, os adeptos dessa noção de escrita concebem-na como não fragmentada, elaborada, planejada, condensada, descontextualizada, em detrimento a uma modalidade falada que seria fragmentada, redundante, pouco elaborada, descontínua, sem planejamento algum (críticas de KOCH, 2003; MARCUSCHI, 2004; CORRÊA, 2004).

Acreditamos que é a partir de um critério de pureza da modalidade escrita projetado como ideal que muitos profissionais, dentre eles os professores de Língua Portuguesa, fazem a crítica aos usos da internet, incluídos os de sala de aula. A imagem de degradação da escrita e, por extensão, a da língua, pelo uso da tecnologia digital, advém do pressuposto de que há uma modalidade escrita “pura”, associada à norma culta padrão, à gramática ou à imagem de seu uso, por autores literários consagrados; enfim, um tipo de escrita sem “interferências da fala”, que deveria ser seguido por todos, em quaisquer circunstâncias. Assim concebida, a escrita da/na internet é vista como empobrecimento ou morte da Língua Portuguesa. Essa mesma visão é, muitas vezes, atribuída aos usos que fazem, da Língua Portuguesa, os indivíduos não dotados da tecnologia da escrita alfabética, ditos analfabetos ou não letrados.

A oposição entre fala e escrita não é, pois, característica dos usos das novas tecnologias. A escrita tem seu valor referendado por ser fato social que está na base de nossa cultura. Esse “império” constitutivo de um conceito de civilização traz várias implicações para o modo de inserção dos sujeitos na linguagem, em sua relação com o mundo e com os outros sujeitos (GNERRE, 1998; CORRÊA, 2004). Apreendida como tecnologia, a escrita foi – e ainda é – tomada por muitos estudiosos em oposição à fala, com características próprias e distintivas, ainda que alguns esforços teóricos tenham sido direcionados à reflexão não mais sobre uma dicotomia, mas sobre um *continuum* de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2004). No plano metodológico, a contribuição trazida pelo conceito de contínuo é notória quando se tem em vista, por exemplo, o estudo dos gêneros do discurso. Entretanto, acreditamos, com Corrêa (2004), que no plano teórico esse conceito ainda preserva a ideia da subdivisão, agora em vários estratos, embora reconheça a relação entre fatos linguísticos – relação fala x escrita – e práticas sociais – oralidade x letramento.

A segunda noção de escrita, proposta por Corrêa (2004), é a que assumimos em nosso trabalho. Diz respeito a um modo de enunciação fundado no encontro

entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido. Segundo Corrêa, no processo da escrita, o escrevente circula por um imaginário, socialmente partilhado, sobre a língua em suas diversas manifestações e variedades, imaginário que se particulariza para as situações específicas e concretas do uso da escrita e que se estende aos diferentes e instáveis modos de conceber a relação escrita/mundo e escrita/fala. Para o autor, há pelo menos três modos de reconhecimento da heterogeneidade da escrita: (1) em aspectos da representação gráfica; (2) na escrita, como na língua; (3) na circulação dialógica que o escrevente faz ao produzir o texto escrito. No âmbito dessa proposta teórico-metodológica, pode-se observar “as relações reais entre os agentes sociais e a escrita, consideradas as práticas sociais de que, direta ou indiretamente, a escrita faz parte.” (CORRÊA, 2004, p. 9)

A proposição de um modo heterogêneo “da” escrita – e não de uma heterogeneidade “na” escrita, que se poderia supor na concepção do contínuo tipológico – permite que se volte a atenção ao “processo de produção do enunciado”, com seu valor de acontecimento social e histórico, e não somente ao aspecto estrutural de um “produto escrito”. A visão tradicional da relação fala/escrita pressupõe a interferência da fala na escrita, com a assunção preconceituosa contra as práticas orais/faladas. Mais do que isso, essa visão implica a necessidade do aprendizado formal – o fator escolaridade – para que se tenha acesso a um “lugar de enunciação legitimado” – pelas instituições –, com o “direito da enunciação – pela – escrita”. De fato, esse parece ser o caráter dominante da alfabetização em nosso País quando privilegia as práticas letradas e os indivíduos dotados da tecnologia da escrita alfabética, desfavorecendo – com preconceito – as práticas orais e os indivíduos alheios ao ensino formal.

A partir da assunção da escrita como modo de enunciação, a ideia de degradação da escrita/língua não mais se sustenta. No material analisado, registros frequentes de abreviações – “você” por “vc”, “teclar”/“tc”, “beleza”/“blz” –; omissão de acentuação gráfica; repetição de vogais e modificações do registro gráfico – “oi”/“oiêêêêêêêêêê”, “aqui”/“aki”, “não”/“naum” –; as chamadas risadinhas – “hahahahahaha”, “hehe”, “hohoho” –; e uso exacerbado de sinais de pontuação (reticências, exclamações, interrogações) em enunciados produzidos no contexto da tecnologia digital, estão associados às possibilidades de registro gráfico-visual de certos padrões rítmico-entoacionais que são registrados pelo sujeito na heterogeneidade da escrita, e não à degradação da escrita do Português (CHACON, 1998; TENANI, 2007). A assunção da tese da heterogeneidade permite ao analista justificar a presença de fatos linguísticos da enunciação falada na enunciação

escrita. Por fim, poderíamos pensar que a presença desses fatos linguísticos da fala na escrita produzida no contexto da tecnologia digital representa a identidade de um grupo ou de uma comunidade que quer se fazer reconhecer por elas e por elas ser reconhecido.

Nossa proposta, portanto, para a investigação da relação entre fala e escrita em enunciados produzidos em contexto digital – mas não somente – é a junção de teorias discursivas que privilegiam aspectos sociais e históricos da constituição do sujeito e teorias fonológicas que permitam explicitar alguns elementos do trabalho do sujeito com a produção de enunciados escritos, como discutiremos adiante.

### **A relação fala/escrita em enunciados escritos na internet**

As pesquisas realizadas sobre linguagem e novas tecnologias têm enfatizado o estudo da relação oralidade/escrita, como observa Vieira (2005). Para a autora, trata-se de estudos que privilegiam a investigação dos gêneros digitais emergentes, sobretudo quanto aos aspectos funcionais e operacionais, ao lado de estratégias e propósitos dos sujeitos. Vieira reconhece que uma abordagem dicotômica sobre a relação fala/escrita é “hoje insustentável”, embora observemos que os estudos sobre a relação fala/escrita em enunciados digitais ainda focalizam questões como “interferência da fala na escrita, marcas de retextualização do falado no escrito, hibridismo da língua (falada/escrita) e necessidade de definição da escrita na internet como diálogo oral ou escrito.” (VIEIRA, 2005, p. 26-29)

Crystal (2005), por exemplo, cunha o termo *netspeak* para fazer referência a formas de expressão escrita consideradas inéditas, com inclusão de símbolos audiovisuais – *emoticons* – e de *hyperlinks*. Para o autor, a “fala da rede” é consequência dos avanços tecnológicos e da competência cognitiva de seus usuários, relacionados a uma economia própria da língua. Em sua avaliação, “uso exagerado de ortografia, pontuação, letras maiúsculas, espaçamento e símbolos especiais para ênfase” são “esforços” na tentativa de “substituir o tom de voz na tela” quando da atividade do escrevente (CRYSTAL, 2005, p. 85). De nosso ponto de vista, interessa destacar que a discussão sobre linguagem da/na internet, para Crystal (2005), está circunscrita a uma distinção entre fala, considerada a informalidade da conversação face a face, e escrita tradicional, considerados traços como elaboração e planejamento. É, pois, de uma certa perspectiva dicotômica que Crystal propõe estudar o *netspeak*. Também de uma perspectiva que distingue fala e escrita, Martin (2007) propõe que a linguagem na internet seja concebida como “estrutura híbrida” constituída de suporte escrito para expressão

de mensagem e de expressões da modalidade falada. Para Martin, a escrita na internet é a “exteriorização do código oral”, dadas as particularidades dessa nova linguagem digital, marcada por “grafias fonetizadas”, apócopies e aféreses típicas desse “falar rápido” na rede.

Autores como Marcuschi (2004), por sua vez, propõem parâmetros para a identificação de gêneros em emergência, fundados em critérios como relação temporal, duração da interação, extensão e formato do texto, número de participantes e tipo de relação por eles estabelecida, entre outros. Se, por um lado, podemos pensar que propostas como essas têm a vantagem de conceber a língua como fenômeno dinâmico, por outro, parecem apresentar baixo potencial explicativo e descritivo dos fenômenos sintáticos, morfológicos e fonológicos da língua. Reconhecemos a importância dos estudos que privilegiam a dinamicidade da linguagem. Nosso foco, entretanto, está na possibilidade de propor ao analista uma visão outra sobre as relações de sentido resultantes de atividades em contexto digital. Com efeito, poucos são os estudos que levam em conta aspectos estruturais e formais e, em número menor ainda, são aqueles que procuram observar a escrita na internet segundo uma possibilidade de realização da língua e do discurso.

A concepção do modo heterogêneo de constituição da escrita tem relação com nossa reflexão porque implica uma noção de escrita, de enunciado e de língua constituídos dialogicamente, na heterogeneidade de suas relações com os sujeitos. A assunção de uma teoria fonológica das características segmentais e não segmentais – ou prosódicas –, por sua vez, permite-nos refletir, de maneira mais sistemática, sobre os fatos linguísticos da enunciação falada na enunciação escrita. É essa tentativa de encontrar pontos de diálogo possíveis entre teorias distintas que nos interessa investigar, ao mesmo tempo em que nos interessa apreender e caracterizar a heterogeneidade da linguagem no estudo de enunciados produzidos na internet.

### **Análise da grafia dos *nicknames* na internet**

Selecionamos, para análise, variações da grafia de *nicknames* – apelidos – que tenham em comum as formas “gato(a)”/“gatinho(a)”, abaixo listadas. Essa escolha está embasada, por um lado, no fato de os *nicknames* possibilitarem a manutenção do anonimato do escrevente e, simultaneamente, a construção de uma identidade por meio da qual ele se mantém conectado com seu(s) parceiro(s), e, por outro lado, na possibilidade de os *nicknames* se explicitarem como práticas orais/faladas observáveis na escrita produzida na internet e contribuírem para a construção de

uma identidade na rede de interações. Cabe explicitar também que, no Brasil, “gato(a)” é sinônimo de “indivíduo jovem, bonito, disponível e/ou interessado em paquerar, namorar”.<sup>3</sup>

- (1) 1. **gatinha fala para gatinho\_sem\_gata**: qual eh seu dote?  
 2. **gata sosinha entra na sala...**  
 3. **gatinho carente fala para gata rebelde**: quer t^?
- (2) **gato100gata sai da sala...**
- (3) 1. **G@tO100G@ta sai da sala...**  
 2. **G@to LOVE sai da sala...**  
 3. **G@tO Do MsN entra na sala...**  
 4. **@n@ @ g@t@ do c@r@te** sai da sala
- (4) **100%gato entra na sala...**
- (5) 1. **\*\*\*100%G@tinho\*\*\* entra na sala...**  
 2. **(\_gatinha perdida\_)**: q porra ninguém quer tc mesmo?
- (6) 1. **h.tinha borrarhera fala para Todos**: add meu msn aÊÊÊÊÊÊÊÊ  
 2. **ghatinho** msn entra na sala...

O primeiro conjunto de ocorrências, em (1), é constituído de grafias convencionais para “gata”, “gatinho(a)”. Destaca-se, desse primeiro conjunto, o uso do *underline* em “**gatinho\_sem\_gata**” para indicar uma junção entre as palavras, formando uma única unidade gráfica, a qual corresponde a uma frase fonológica, unidade da organização prosódica da língua (TENANI, 2002)<sup>4</sup>. A ocorrência em (2) assemelha-se àquelas em (1) por “gato”/“gata” estarem escritas conforme as convenções ortográficas, mas distingue-se por haver o emprego do algarismo “100” para indicar “sem”. Essa combinação, que não é exclusiva da escrita na internet<sup>5</sup>, está ancorada na homofonia entre “cem” e “sem”.

Os *nicknames* em (3) têm em comum o uso de @, arroba em Português<sup>6</sup>, onde

3 - O uso do diminutivo “inho/inha” tem valor afetivo nos *nicknames* analisados – e não parecem ter, nos dados analisados, valor pejorativo, como também pode ter o sufixo de diminutivo em alguns usos do Português do Brasil, como em “gatinha”.

4 - Uma frase fonológica, em Português, é construída a partir de informações sintáticas, que, no exemplo, são relacionadas ao sintagma nominal. Fonologicamente, é um constituinte relevante para a organização entoacional e rítmica da língua.

5 - Cartas enigmáticas se valem desse emprego dos algarismos, como se observa em: K H 100 BX É ½ A.

6 - Vale observar que “@”, em inglês, é lido como *at* e, em algumas línguas, o nome desse símbolo é atribuído a partir de uma relação icônica com animais. Por exemplo, em italiano, é *chiocciola* – “caracol”.



é previsto, pela ortografia, o emprego da letra “a”, fato que os caracterizam como distintos dos anteriormente analisados. Nota-se que o nome arroba<sup>7</sup> traz a chave para decifrar a escrita observada, pois se usa @ a partir de um princípio acrofônico: o nome do símbolo @ traz o som [a] que representa. Dessa maneira, é possível ler “Ana, a gata do caratê” em (3.4). Os dados (3.1-3) ainda se assemelham por haver o uso de letras maiúsculas de modo não convencional: em (3.1) e (3.3) há uma alternância entre maiúsculas e minúsculas – uso bastante frequente em “internetês” – e, em (3.2), o uso de maiúsculas somente em LOVE, talvez, como indicativo de destaque.

Em (4), há o uso do algarismo 100 seguido do símbolo % para porcentagem. Esse uso é diferente do que ocorre em (3.1) e em (2), em que 100 está no lugar da palavra “sem”. Em (4), 100% pode ser lido como “totalmente”, “completamente”: ou seja, “100%gato” é “totalmente bonito”, “completamente desejável”. Em (5.1), encontra-se o mesmo uso de 100% visto em (4), mas deste difere por haver três asteriscos antes e três depois de “100%G@tinho”. Em nossa análise, não atribuímos nenhum valor sonoro a esses usos dos asteriscos. Cremos que os asteriscos em (5.1) funcionam como delimitadores do *nickname*, destacando-o da mesma forma como se usam os parênteses em (5.2). Os dados em (5) diferem, em nossa perspectiva, dos demais por haver uma combinação de elementos gráficos que não têm relação com possibilidades de representação de sons de palavras da língua. Em comum, há a delimitação do nome, por meio de diferentes recursos gráficos – repetição de asteriscos; parênteses seguidos de *underline*. Essa delimitação do nome lembra, em alguma medida, a delimitação feita pelo cartucho<sup>8</sup> na escrita hieroglífica do Antigo Egito.

O último conjunto de *nicknames* que analisamos tem em comum um uso não convencional da letra “H”. Em (6.1), destacamos “h.tinha”, que deve ser lido como: “aga” “tinha”, ou seja, “a gatinha”. Assim, há uma única cadeia fônica /agaˈtiɲa/<sup>9</sup> que pode ser escrita conforme as regras ortográficas convencionais – “a gatinha” – ou no “internetês” – “h.tinha”. Essa escrita não convencional se caracteriza pelo nome da letra H em português – “aga” –, seguido de ponto – em um emprego típico do “internetês” – e seguido de “tinha”, uma forma do

---

7 - Lembramos que arroba significa, também, uma unidade de peso. Atualmente, essa unidade é de 15 quilos; originalmente, é uma unidade de peso equivalente à quarta parte do quintal – uma medida usada no mundo árabe.

8 - Cartucho é o nome dado pelos franceses para o círculo oval que circunscreve a escrita do nome de faraós, rainhas do Antigo Egito, a partir da Quarta Dinastia.

9 - Explicita-se que a cadeia fônica é um constituinte prosódico, o grupo clítico, que é formado por um elemento clítico “C” (ou seja, átono) e uma palavra fonológica “w” (ou seja, uma palavra que tem um acento lexical). Identifica-se, assim, a estrutura prosódica [(a)C (gatinha)w]. Para detalhes do grupo clítico em Português, veja Bisol (2000).

verbo “ter”. Faz-se necessário explicitar que as fronteiras morfológicas de gatinha não coincidem com os pontos de corte em que se segmenta a cadeia fônica no internetês.<sup>10</sup> Descobrem-se, dessa forma, palavras sob as palavras – “a gatinha” e “aga tinha” – dado o princípio da heterogeneidade constitutiva da linguagem. Cabe destacar que esse uso de H funciona se o *nickname* for feminino, porque o artigo “a” está contido no nome da letra H<sup>11</sup>. Compare-se (6.1) com (6.2) e se observará que quando o *nickname* é masculino, “ghatinho” para “gatinho”, ocorreu uso do H depois do G – em um emprego semelhante ao que ocorre em dígrafos como NH, LH na ortografia do Português. Portanto, o uso de H que identificamos no internetês nem sempre tem correspondência com o som associado à letra, mas pode ter correspondência com as práticas letradas/escritas com as quais o sujeito escrevente tem contato – direto ou indireto.

Ao analisarmos as grafias não convencionais de palavras usadas em *nicknames*, explicitamos quais características dos enunciados falados, notadamente os aspectos prosódicos e segmentais, podem estar representadas a partir de usos não convencionais de elementos do sistema de escrita alfabética combinados a outros elementos gráficos presentes nos enunciados escritos.

## Considerações finais

A análise da grafia de *nicknames* na internet coloca em evidência, sobretudo, a inextrincável relação entre práticas orais/faladas e letradas/escritas, fato que corrobora a tese de Corrêa (2004) sobre o modo heterogêneo de constituição da escrita. Mediante a análise de um conjunto de enunciados de *chat*, buscamos argumentar que o “internetês” não constitui suposta “interferência” da fala na escrita ou “escrita fonetizada”, mas possibilidade da língua e do discurso. Essa análise aponta para a necessidade de uma discussão e de uma problematização sobre o estatuto teórico-metodológico do dado produzido em contexto digital – mas não somente –, com vistas a refletir sobre pontos de diálogo possíveis entre teorias discursivas e teorias fonológicas.

Fica evidente, ainda, que o sujeito escrevente, na atividade verbal desse gênero em emergência, mobiliza uma série de conhecimentos de ordem fonológica, morfológica, semântica, enunciativa, com o objetivo de constituir uma identidade

---

10 - Se indicadas as fronteiras de palavra morfológica por parênteses e as fronteiras entre os morfemas da palavra por +, temos: (a) (gat+inh+a); ou seja, uma palavra gramatical – artigo “a” – e uma palavra lexical – gatinha.

11 - Em nossos dados, verificamos outras ocorrências de H similares ao que ocorre em (6.1), como, por exemplo, “hta” para “a gata” em: “leo fala com Vivi: **hta** ta afim d te?”.

e por ela ser reconhecido pelo(s) outro(s) nas interações na rede. Fundamentado em “táticas”, esse escrevente procura ser o mais atraente possível – e também o mais inteligente possível, como, talvez, suposto em “h.tinha” e não em “a gatinha” –, em um ambiente em que é preciso fazer ver e ser visto. Da perspectiva dos estudos da linguagem, Crystal (2001) acredita que o emprego de *nicknames* é característico de bate-papos virtuais síncronos, em que essas “máscaras” variam com a rapidez de um clique, dada a volatilidade das identidades sociais.

A propósito dessa volatilidade, observamos, com Bauman (2004, 2005), que a ideia de identidade, em uma época líquido-moderna, é malvista, uma vez que o indivíduo quer se sentir o mais desimpedido possível. Ser identificado de modo inflexível e sem alternativa é estar engessado nas relações sociais. No caso particular da internet, o sociólogo polonês destaca que diferentemente dos relacionamentos reais, em que é preciso haver compromisso, mediante a assunção de uma identidade, é fácil entrar e sair de um relacionamento virtual, uma vez que as relações são da ordem da conexão, em que “sempre se pode apertar a tecla de deletar” (BAUMAN, 2004, p. 12-13). A constituição da subjetividade parece estar, assim, assegurada – de forma frágil, inconstante – na passagem, rápida e efêmera, do eu pelo outro.

## Abstract

This paper aims to explain certain language phenomena remarkable for example in the Internet. These phenomena are popularly known as “internetês” in Brazilian Portuguese writing texts. A set of texts collected from chats was analyzed based on discursive and phonological studies. The relationship between spoke and writing is seen as a distinctive character of heterogeneity of writing. In a particular way, the writing of nicknames in these digital interactions is analyzed. It is shown that enunciative complexity came from different linguistic information (phonological, morphological, semantics and enunciative ones). This study aims to contribute for general questions about oral/spoken and literacy/writing in digital context (but not just in those contexts).

Key words: Writing; Heterogeneity; Discourse; Prosody; Internet; Chat.

## Referências

AFONSO, C. A. **Internet no Brasil: o acesso para todos é possível?** Rio de Janeiro: IDRC, 2000. Disponível em: < <http://www.idrc.ca/uploads/user-S/10245206800panlacafoant.pdf>>. Acesso em: out 2001.

ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. A natureza hipertextual do gênero *chat* aberto. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.) **Interação na internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 48-62.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n.19, jul./dez. 1990. p. 25-42.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEACH, R.; LUNDELL, D. Early adolescents' use of computer-mediated communication in writing and reading. In: REINKING, D. *et al.* (1998). (ed.) **Handbook of literacy and technology**: transformations in a post-typographic world. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 93-112.

BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. **Revista de estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, 2000. p. 5-30.

BRAGA, D. B. A constituição híbrida da escrita na internet: a linguagem nas salas de bate-papo e na construção dos hipertextos. **Leitura: teoria e prática**, v. 34, n.18, 1999. p. 23-29.

CHACON, L. **Ritmo da escrita**: uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COLLINS, H.; FERREIRA, A. (Org.) **Relatos de ensino e aprendizagem de línguas na internet**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

CORRÊA, M. L. G. A heterogeneidade na constituição da escrita: complexidade enunciativa e paradigma indiciário. **Cadernos da Faculdade de Filosofia e Ciências**, Marília, v. 6, n. 2, 1997. p.165-186.

CORRÊA, M. L. G. A relação falado/escrito e a construção dos dados no fórum "Índio Pataxó". **Alfa**: revista de linguística, São Paulo, v. 6, n. 43, 1999a. p. 45-68.

CORRÊA, M. L. G. Dados linguísticos e discursivos no fórum "Índio Pataxó": primeiras discussões. In: MOURA, D. (Org.) **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: Ed. UFAL, 1999b. p. 229-232.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 135-166.

CORRÊA, M. L. G. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CRYSTAL, D. **A revolução da linguagem**. Tradução de Ricardo Quintana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CRYSTAL, D. **Language and the internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CUSIN-BERCHE, F.; MOURLHON-DALLIES, F. Le débat autour des OGM sur Internet: entre parole citoyenne et parole savante. In: CUSIN-BERCHE, F. (Dir.) **Rencontres discursives entre sciences et politiques dans les médias: discursive meeting between science and politics in the media**. Paris: Pesses de la Sorbonne Nouvelle, 2000. (Les Carnets du Cediscor, 6).

FUSCA, C. J. **TC CMGO?: estudo sobre a abreviação na internet**. 2007. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HILGERT, J. G. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na Internet. In: PRETI, D. (Org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2000.

KIEFFER, R. D., HALE, M. E.; TEMPLETON, A. Eletronic literacy portfolios: technology transformations in a first-grade classroom. In: REINKING, D. *et al.* (ed.) **Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1998. p.145-163.

KOCH, I. G. V. Concepções de língua, sujeito, texto e sentido. In: KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002. p.13-20.

KOCH, I. G. V. **O texto e a construção dos sentidos**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KOMESU, F. C. **A escrita das páginas eletrônicas pessoais da internet: a relação autor-herói/leitor**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

KOMESU, F. C. **Entre o público e o privado**: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de *blogs* na internet. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

LABBO, L. D.; KUHN, M. Eletronic symbol making: young children's computer-related emerging concepts about literacy. In: REINKING, D. *et al.* (ed.) **Handbook of literacy and technology**: transformations in a post-typographic world. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1998, p.79-91.

LADJALI, C. **Mauvaise langue**. Paris: Seuil, 2007.

LASTRES, H. M. M.; ALBAGLI, S. Chaves para o terceiro milênio na era do conhecimento. In: LASTRES, H. M. M.; ALBAGLI, S. (Org.) **Informação e globalização na era do conhecimento**. Rio de Janeiro: Campus, 1999, p. 7-57.

LUIZ SOBRINHO, V. V. **A heterogeneidade da escrita no estudo da vírgula em bate-papos virtuais na internet**. 2007. Relatório de pesquisa (Iniciação Científica) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto.

MADEIRA, F. Alguns Comentários sobre as modalidades de uso da língua: escrita, fala e escrita em tempo real. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 46, n. 1, 2004. p. 71-83.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A.C. (Org.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p.13-67.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e letramento. In: MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004. p.15-43.

MARTIN, M. **Le langage sur l'internet**: un savoir-faire ancien numérisé. Paris: L'Harmattan, 2007.

PAIVA, V. L. M. (Org.) **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

PAIVA, V. L. M. E-mail: um novo gênero textual. In: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C. (Org.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 68-90.

SCHITTINE, D. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

TAKAHASHI, T. **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000. Disponível em: <http://www.socinfo.org.br>. Acesso em: 05 mai 2008

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no Português do Brasil**: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas.

TENANI, L. E. Reflexões sobre a ortografia usada na internet. In: SEMANA DE PEDAGOGIA, 4, 2007, São José do Rio Preto. **IV Semana de Pedagogia**. São José do Rio Preto: UNESP, 2007.

VIEIRA, I. L. Tendências em pesquisas em gêneros digitais: focalizando a relação oralidade/escrita. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.) **Interação na internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p.19-29.

XAVIER, A. C.; SANTOS, C. F. E-fórum na Internet: um gênero digital. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.) **Interação na Internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 30-38.